

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. 286p.

Por
Paulo Roberto Barbosa¹
Débora Klemens Oliveira²

A obra *Linguística Aplicada na Modernidade Recente*, organizada por Luiz Paulo da Moita Lopes, é um *festschrift* – termo em alemão para designar um livro de homenagem – dedicado à Antonieta Celani, que em 2013 celebrou o nonagésimo ano. O exemplar é dividido em dez capítulos, precedidos da Introdução e de “Agradecimentos” assinados pelo próprio organizador, e destinados a aspectos da pesquisa relativos à sala de aula de línguas, por ser esta a área de maior interesse de Celani, e, seguramente, de grande desenvolvimento no país. A homenageada implantou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no início da década de 1970, o primeiro programa de pós-graduação na área de Linguística Aplicada ao ensino de línguas do Brasil, sendo este o *Programa de Estudos Pós Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua*.

No subtítulo “Clicando no *Instagram*: Fotografias”, o organizador da obra faz um breve resumo de cada capítulo do livro, possibilitando observar modificações fundamentais a partir das quais os modos de produzir conhecimento se defrontam com novos posicionamentos que estremeceram os alicerces da pesquisa em ciências sociais e humanas, tanto do posto vista metodológico como do prático, por meio da crítica que passou a ser feita às formas modernistas de produzir conhecimento que apagou o sujeito social, e também pelas chamadas viradas pós-estruturalista, discursiva, icônica, cibernética, somática, pós-colonial, feminista, *queer*, antirracista *etc.*, que atravessaram e atravessam essas e outras áreas, problematizando, entre outros aspectos, o sujeito social, que passa a ocupar o foco da atenção.

¹Mestrando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é Gestor Escolar, efetivo - Secretaria Municipal de Educação da Cidade de Poá.

Endereço eletrônico: paulobarbosa2709@gmail.com

²Formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo - *Campus* Guarulhos EFLCH (2014). Atualmente é Professora da Rede Pública de Ensino Estadual de São Paulo.

Endereço eletrônico: deboraklemens@gmail.com

No capítulo inicial, intitulado *Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações*, Angela Kleiman traz reflexões acerca da trajetória da Linguística Aplicada enquanto instrumento da construção de conhecimentos. Para tanto, a autora se baseia nos preceitos do Programa Modernidade/Descolonização, idealizado por pesquisadores da América Latina que se dedicam à investigação do diálogo Sul-Sul, propondo uma agenda que confronte esta tendência e desafiando os pesquisadores a realizarem seus estudos com base nas teorias produzidas no hemisfério Norte. Dessa forma, a proposta de Kleiman traduz uma discussão de grande importância para a Linguística Aplicada, tendo-se em vista o seu potencial de possibilitar a formulação de novos rumos na produção científica brasileira desta área.

No segundo capítulo, são aludidos argumentos sobre a questão da formação tecnológica do professor de línguas. Escrito por Maximina M. Freire e Vilson J. Leffa e intitulado de *A auto-heteroecoformação tecnológica*, o conteúdo sugere que a formação profissional para esta área de atuação deve ser repensada para que haja uma renovação em seus conceitos, partindo da necessidade de uma ação questionadora que acompanhe as tendências mundiais mais atuais, e que levaria à compreensão auto-heteroecoformativa do percurso. Com base nisso, os autores criticam as estruturas tradicionais, encontradas hoje na formação de professores, e concretizam o seu pensamento argumentando que o processo educacional não vem acompanhando a complexidade de uma realidade multifracionada. Em seguida, Freire e Leffa sugerem um novo modelo para a formação tecnológica docente que compreende uma sistematização desse processo, de forma a tornar possível a superação dessa visão fragmentada da realidade. Desse momento em diante, o capítulo se dedica a discutir sobre a inadequação de uma formação tecnológica segmentada em uma ou duas disciplinas, defendendo o ideal de que um sistema satisfatório de formação docente deveria compreender todo o currículo do curso de Letras. De acordo com os autores, somente assim seria possível uma autoformação, de modo a promover a socialização do saber tecnológico e de seu papel no ensino de línguas.

Hilário Bohn, no texto *Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas*, no capítulo terceiro, analisa a relação entre o ensino e a aprendizagem de línguas no Brasil, com ênfase no âmbito da sala de aula e com um recorte temporal que contempla o segundo decênio do século XXI. Pautado em autores como Michael Foucault, Bakhtin e Moita Lopes, o pesquisador aponta as fragilidades do atual modelo

educacional composto por uma escola uniformizadora, na qual o professor assume o papel central e impõe seu poder legitimado pela sociedade, criando uma realidade baseada na exclusão. A proposta do ensaio é destacar a necessidade de um rompimento com este paradigma, de modo que alunos e professores conquistem a capacidade de representarem-se e de produzir os sujeitos da sala de aula, afastando-se da formação alinhada com o poder vigente.

No quarto capítulo, Inés Kayon de Miller, com o texto *Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética*, apresenta um panorama histórico que ilustra a transformação que se operou na formação de professores de línguas desde o período pós Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. Ao problematizar este trajeto, a autora destaca a aplicação de medidas que auxiliaram no rompimento de paradigmas que permearam o tema em questão e expõe a visão de *prática exploratória* como uma valorosa possibilidade investigativa. Miller também lança luz sobre os desafios que devem ser superados no sentido de se buscar continuamente uma visão crítico-reflexiva na formação docente.

Já no texto *Linguística sistêmico-funcional, linguística aplicada e linguística educacional*, presente no quinto capítulo, Orlando Vian Jr. propõe refletir, a partir de uma atitude transdisciplinar, os diálogos entre linguística aplicada (LA), linguística sistêmico-funcional (LSF) e linguística educacional (LE). No decorrer do texto, diz que a preocupação com o humano, com o social é extremamente relevante nas interfaces entre LA, LSF e LE, assim como fica evidente a característica interdisciplinar entre a LA e LSF e, desta, com a LE para tratar questões educacionais no Brasil, como ficou explícito pelo percurso histórico que é apresentado no livro.

Kanavillil Rajagopalan inicia o sexto capítulo, intitulado *Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas*, lembrando-nos que a relação entre linguagem e política é intrínseca e que foi largamente reconhecida por muitos teóricos desde a antiguidade, dentre os quais Aristóteles. Entretanto, com o passar dos séculos, os estudiosos preferiram conduzir suas pesquisas de maneira dicotômica, sob a “doce ilusão” de que fosse possível e lícito abordar a linguagem sem levar em consideração a política. Separar política linguística do ensino de línguas estrangeiras é omitir sua permanente presença e direta interferência ao longo dos anos na educação brasileira. Destarte, é preciso que o professor de língua estrangeira esteja a par de sua relevância no contexto político-educacional.

No trabalho desenvolvido por Roxane Rojo, *Materiais didáticos no ensino de línguas*, no capítulo sete, discutem-se as investigações em LA acerca do ensino de línguas. A autora, por meio de suas pesquisas, identificou, nos livros didáticos de vários domínios de ensino de língua materna avaliados, que existe o privilégio da norma culta escrita, em detrimento da presença de propostas de interações orais. Por isso, propõe a utilização dos recursos educacionais abertos, que são as livres produções de materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer lugar, mídia ou suporte, e que estão sob domínio público, não esbarrando nas questões dos direitos autorais, o que facilita a produção de materiais didáticos digitais por parte dos professores que, por sua vez, são de fácil compartilhamento com outros professores e alunos, pela internet, por meio de sites, ou até mesmo em nuvens.

No oitavo capítulo, cujo título é *Bordas e fronteiras entre escritas grafocêntricas e hipermidiáticas*, Inês Signorini, em uma análise que busca romper com o “senso comum” dos estudos linguísticos, coloca em debate a estrutura linguística das mídias digitais, frente à escrita grafocêntrica, e nos mostra como tal variação é oriunda de necessidades bastante específicas do hipertexto e de seus leitores, como o dinamismo e a objetividade, em contraponto aos longos e minuciosos textos característicos da mídia impressa. A pesquisadora estabelece uma delimitação entre as duas formas distintas de escrita e, em detrimento da noção de fronteira, que remete a uma linha nítida e bem estabelecida, adota a concepção de borda, que traz a ideia de um limite mais fluido e flexível.

O estudo de Marilda do Couto Cavalcanti, *Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues*, no nono capítulo, tem como base o acompanhamento de alunos de licenciatura em línguas nos últimos dois semestres do curso e vem a lume para dar a noção de uma “educação linguística ampliada”, que consiste em uma abordagem multidisciplinar, não ficando restrita ao conhecimento da língua-alvo. O postulado de Cavalcanti vai no sentido de se constituir a formação de professores que valorizem a ética, a cidadania, a leitura crítica, com sensibilidade à diversidade e pluralidade cultural, social e linguística. A adoção da educação linguística ampliada traz o desafio de desconstruir no futuro docente suas noções pré-concebidas pautadas em uma educação fragmentada em disciplinas, bem como seu preconceito acerca de variações linguísticas, fazendo o professor vivenciar aquilo que ensina.

Em *Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares*, presente no último capítulo, Moita Lopes aborda as questões de gênero, sexualidade e raça em contextos

escolares. O autor traça um panorama que aponta a ausência de diálogo entre a Linguística Aplicada e a Sociolinguística Variacionista, de modo que cada qual desempenha seu determinado papel no vasto campo linguagem-sociedade. O texto apresenta uma crítica ao caráter homogeneizador da sociolinguística, que tende a equacionar a questão do sexo, gênero e raça em termos bastante biologizantes. Além de sua metodologia, pautada fortemente em análises estatísticas, que não contemplam a fluidez da dinâmica contemporânea. O estudo de Moita Lopes, apresentado neste capítulo, nos traz possibilidades de agir como os seres do discurso que somos, propondo o estranhamento de dicotomias biológicas.

Em sua totalidade, a coletânea contribui para o reconhecimento do atual cenário brasileiro do ensino de línguas e, por conseguinte, permite a compreensão da necessidade de reestruturação enfrentada pela Linguística Aplicada nos dias de hoje. As reflexões presentes na obra em homenagem à grande linguista Maria Antonieta Alba Celani, reunidas de forma *indisciplinar*, possibilitam o entendimento claro da trajetória que a Linguística Aplicada tem percorrido e constroem, de forma efetiva, um panorama da área de ensino de línguas no Brasil – panorama este repleto de rumos em transição e de aspectos de caráter mutável, configurando, dessa forma, um quadro que não é passível de descrições definitivas. É nessa perspectiva que se acredita que seria muito mais justa e adequada uma política linguística educativa elaborada sob um prisma geral de respeito às diferenças, de valorização da diversidade e que abra espaço, de fato, para as escolhas em um país culturalmente diversificado, multifacetado linguisticamente e com dimensões amplas, como o Brasil.